



## A IGREJA CANTA O MAGNIFICAT: UMA LEITURA ECLESIOLÓGICA DE Lc 1,46-55

(The Church sings the *Magnificat*: An ecclesiological reading of Lk 1,46-55)

**\*Felipe Sardinha Bueno**

Bacharel em Teologia pela PUC/SP

### RESUMO

Este trabalho tem como eixo temático central o paralelo semântico do evangelho segundo Lucas 1,46-55 - perícopo correspondente ao cântico do *Magnificat* - com a Igreja, no que tange à sua natureza a partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Essa comunidade de discípulos, resplandecendo as atitudes proclamadas no hino bíblico em questão, deverá refletir no mundo a beleza do crer, testemunhando, principalmente, por meio do serviço aos que mais necessitam. O objetivo principal refere-se ao repensar a Igreja em seu apostolado, como uma “célula” comunitária alternativa no mundo contemporâneo. Entrelaçando-se Sagrada Escritura e Teologia Dogmática, apresenta-se a importância elementar da integração disciplinar no atual contexto plural, visando à ortodoxia sua tradução em ortopraxis. Observa-se na “intersecção” do *Magnificat* com a identidade eclesial, a indicação da esperança de um mundo distinto, de inclusão e participação, visualização hermenêutica expressa pela investigação teológica respectiva.

**Palavras-chave:** Magnificat; Ecclesiológia; Ortodoxia; Ortopraxis.

### ABSTRACT

This work has as its central theme the semantic axis parallel the gospel according to Luke 1,46-55 - *pericope* corresponding to the canticle of the *Magnificat* - with the Church, in regard to its nature from the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*. This community of disciples, shining attitudes proclaimed the biblical hymn in question, should reflect the beauty of the world believe, witnessing mainly through service to those who need it most. The main objective refers to rethink their apostolate in the Church, as a "cell" alternative community in the contemporary world. Relating up Scripture and Dogmatic Theology, presents the elemental importance of disciplinary integration in plural current context, in order to orthodoxy orthopraxy its translation. Observe the "intersection" of the *Magnificat* with the ecclesial identity, indicating the hope of a different world, inclusion and participation, hermeneutic view expressed by their theological research.

**Keywords:** Magnificat; Ecclesiology; Orthodoxy; Orthopraxy.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende estabelecer o paralelo hermenêutico do evangelho segundo Lucas 1,46-55 - perícopo onde se encontra o cântico do *Magnificat* - com a Igreja, no que tange à sua natureza eclesiológica a partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II. Esta comunidade de discípulos, resplandecendo as atitudes proclamadas no hino evangélico em questão, e diante dos desafios contemporâneos de esvaziamento e relativização da fé, deverá refletir no mundo, em sua expressão prática, o serviço aos que necessitam, e o anúncio profético de uma sociedade distinta, na qual os humildes e pobres sejam privilegiados. Prevê-se a integração metodológica ente Sagrada Escritura e Teologia Dogmática, apresentando como consequência do trabalho realizado, apontamentos teológico-pastorais.

## 1. MAGNIFICAT: ÊXODO E LIBERDADE

O primeiro, marcante e teologicamente importante, é um convite de alguns autores [Le Déaut, por exemplo] a ler o cântico de Maria [*Magnificat*: Lc 1,46-55] no fundo da grande libertação do Êxodo e, em especial, da famosa canção do mar [Ex 15,1-18.21]<sup>1</sup>.

O texto evangélico selecionado por esta pesquisa trata-se do *Magnificat*, cântico expresso em Lc 1,46-55 como um hino de louvor a Deus por sua ação transformadora na história.

As transmutações renovadoras da esperança do povo, transcritas nessa perícopo, relacionam-se com as promessas do Antigo Testamento, principalmente a partir do livro do Êxodo, como paradigma da saída da escravidão para uma terra, onde a liberdade fosse reinante<sup>2</sup>: “As esperanças do êxodo são vivas. Continuam sendo um modelo paradigmático”<sup>3</sup>. Diante disso veem-se em alguns cantos, enquanto estilo literário<sup>4</sup>, como por exemplo, em Ex 15,1-18.21, semelhanças no que se refere aos indicadores da identidade do Deus revelado.



Deus “desce” (cf. Ex 3,8), vai ao encontro dos pequenos para elevá-los: fato bíblico testificado no mistério da encarnação do Filho, “a Palavra de Deus” (cf. Jo 1,14), o qual se fazendo humano (cf. Fl 2,8-9), “Deus conosco” (cf. Mt 1,23), restaurou a esperança dos que sofrem.

No respectivo paralelo proposto por A. Valentini<sup>5</sup> entre o *Magnificat* e a passagem do mar cantada<sup>6</sup>, proporciona-se um acento exodal de modo poético na leitura do canto mariano, de que a saída da opressão para a liberdade é fundamental apelo dos pobres em sua historicidade – passado, presente, futuro. Se o Deus dos hebreus promoveu a libertação dos descendentes de Abraão, escravizados no Egito, a comunidade cristã primitiva assim também o crerá.

Nos lábios de Maria<sup>7</sup>, uma humilde jovem da Galileia<sup>8</sup> (região discriminada pelos judeus de Jerusalém – cidade do templo – com forte importância cultural e política na Palestina), se efetivará, privilegiadamente, o meio de propagação das promessas de um Deus comprometido com os seus no processo salvífico: “Deus [...] é, por excelência, o defensor do [...] [humano] humilhado. É entre os marginalizados, aliás, que ele efetua suas escolhas”<sup>9</sup>.

Em Ex 15,1-18.21, cujo poema indicamos como substrato de composição do *Magnificat*, o autor sagrado disponibilizará no introito (v.1) e finalização (v. 21) o convite a “cantar”, indicando o regozijo compartilhado por todos os “experimentadores” da liberdade. Nessa narração abrir-se-á um novo caminho: os opressores já não mais perseguirão (cf. Ex 15,4-5.8.10.12), porque ficaram para trás (cf. Ex 15,7), para o passado constituinte da memória.

Com a demonstração da força divina, os israelitas admirarão e louvarão a Deus (cf. Ex 15,2-3.18), e como visibilidade da alegria se confraternizarão (cf. Ex 15, 1.21b) diante da glória revestida por *Iahweh*, sonhando com um porvir distinto. Essa saída do Egito, e o tempo respectivo no deserto se traduzirão em referência à identidade cultural hebraica (judaica<sup>10</sup>) a fim de que não houvesse reprodução, no futuro, das condições de exploração e ausência de liberdade, experimentadas no Egito faraônico<sup>11</sup>: “Recorda<sup>12</sup> que foste escravo no Egito e que daí o Senhor teu Deus te tirou, com mão forte e braço estendido” (Dt 5,15)<sup>13</sup>.



O *Magnificat* retomará tal teologia demonstrando a ação divina que não se conjuga com os orgulhosos e poderosos, mas com os aparentemente esquecidos da história. O projeto de liberdade propiciado no Êxodo permanecerá no Novo Testamento, preparando o “húmus” para uma nova humanidade.

## 2. OS “EVANGELHOS DA INFÂNCIA” (Lc 1,5-2,52)

Os denominados “evangelhos da infância”, conjunto literário encontrado em dois dos sinóticos, Mateus e Lucas, engendram-se como inspirados no Antigo Testamento: “A redação das narrações da infância [Lc 1-2 e Mt 1-2] e todas as referências ao cumprimento da Escritura marcam a *continuidade* do evangelho da salvação em relação às promessas do Antigo Testamento<sup>14</sup>”. São referências, reelaboradas no NT, certos aspectos da linguagem<sup>15</sup> - há, por exemplo, “aramaísmos”<sup>16</sup> e “hebraísmos”<sup>17</sup> nos textos gregos neotestamentários - e temas relacionados<sup>18</sup> com a observância do “caráter messiânico”, visualizado em Jesus<sup>19</sup>.

Os estudos bíblico-exegéticos têm apontado em Lc 1,5-2,52 a última fase na elaboração da composição do evangelho de Lucas<sup>20</sup>. Nesse bloco de dois capítulos, encontram-se quatro importantes hinos, incorporados aos ritos litúrgicos cristãos:

- O “Glória” (cf. Lc 2,14), dos anjos diante do mistério da encarnação do Verbo Divino.
- O *Benedictus* (cf. Lc 1,68-79), de Zacarias, apresentando a misericórdia<sup>21</sup> do Senhor por permitir à estéril Isabel dar a luz a João, o Batista.
- O *Nunc dimittis*, de Simeão (cf. Lc 2,29-32), o ancião piedoso e justo, homem almeiante da consolação de Israel.
- Além do *Magnificat*, abordado por nós nesta pesquisa.

Todos esses louvores poéticos indicam a bênção e o sonho do novo, permeados nos “Evangelhos da Infância”<sup>22</sup>.



Segundo Marguerat<sup>23</sup>, pode ser subdividido o bloco citado da seguinte maneira, enquanto tematizações:

- 1,5-80: Anúncios do nascimento de João Batista e de Jesus + Visitação de Maria a Isabel + *Magnificat*: 1,46-55 + Nascimento do Batista + *Benedictus*: 1,57-80.
- 2,1-40: Nascimento de Jesus + Apresentação no Templo.
- 2,41-52: Jesus no Templo aos 12 anos.

George<sup>24</sup> propõe, nesse sentido, a seguinte subdivisão, apresentando a relação entre João, o Batista - filho de Isabel - e Jesus, filho de Maria:

AS DUAS INFÂNCIAS ( <i>Quadro comparativo</i> )	
JOÃO BATISTA	JESUS
1,5-25: anúncio a Zacarias	1,26-38: anunciação a Maria
<b>1,39-56: Visitação/ <i>Magnificat</i></b>	
1,57-58: nascimento de João Batista/ visita dos vizinhos	2,1-20: nascimento de Jesus/ visita dos pastores
1,59-79: circuncisão/ profecia de Zacarias/ <i>Benedictus</i>	2,21: circuncisão  22,28: apresentação no Templo/ profecias de Simeão e de Ana/ <i>Nunc dimittis</i>
1,80: vida oculta de João Batista	2,39-40: vida oculta de Jesus em Nazaré  41-52: Jesus no Templo, aos doze anos

Aqui vemos uma inter-relação na estrutura, apresentando semelhanças entre João e Jesus. Providenciar-se-ia uma discussão, diante desse “emaranhado joanino-jesuânico” se a autoria do *Magnificat* seria de Isabel ou de Maria:



Hipótese graças ao manuscrito da *Vetus Latina*, o qual colocava nos lábios de Isabel o hino respectivo, entretanto tal tese não se fundamentou na confrontação com os manuscritos gregos<sup>25</sup> e, demais latinos, do Cristianismo do primeiro milênio. Não se tem unanimemente a convicção de que o *Magnificat* seja composto, da maneira que o conhecemos, por Lucas, ou se fora uma adaptação ou reestruturação vocabular de salmos judaico-cristãos pré-existentes<sup>26</sup>. Alguns autores, porém - além de A. Valentini<sup>27</sup>, cuja tese do substrato exodal do hino dos israelitas da passagem pelo mar fazendo-se inerente ao texto lucano, ratificada por nós - preveem outras possibilidades de *sitz im leben*, as quais não aprofundaremos nesta pesquisa, todavia serão citadas, tais quais hipóteses exegéticas<sup>28</sup>:

- Hillmann pensa o *Magnificat* sendo um canto de ação de graças de uma mãe que vê seu filho são e salvo retornar de uma guerra;
- Hilgenfeld o considera a partir do canto de Judite pela vitória alcançada sobre Holofernes;
- Spitta, Haupt e Winter sustentam a ideia de que o *Benedictus* e o *Magnificat* podem fazer parte de um coletivo de salmos macabaicos de oração para antes da batalha e de ação de graças pelo êxito alcançado;
- Voelter, Vielhauer y Resenhöfft propõem que se trata o *Magnificat* de partes provenientes de círculos batistas, inseridas no relato respectivo;

O que se percebe, não obstante, em comum é o cântico de Maria, enquanto continuidade da teologia do Antigo Testamento<sup>29</sup> de um Deus que é inversor da realidade em favor dos desprestigiados<sup>30</sup> tementes a Ele<sup>31</sup>.

### 3. TRADUÇÃO PRÓPRIA DO TEXTO LITERAL EM GREGO<sup>32</sup> (Lc 1,46-55) PARA O PORTUGUÊS

Lc 1,46a: Καὶ εἶπεν Μαριάμ·

b: Μεγαλύνει ἡ ψυχὴ μου τὸν κύριον,



a: E disse Maria:

b: Engrandece a alma minha o Senhor,

Lc 1,47: καὶ ἠγαλλίασεν τὸ πνεῦμά μου ἐπὶ τῷ θεῷ τῷ σωτήρῳ μου,

e exultou o espírito meu em o Deus o salvador meu,

Lc 1,48a: ὅτι ἐπέβλεψεν ἐπὶ τὴν ταπείνωσιν τῆς δούλης αὐτοῦ.

b: ἰδοὺ

c: γὰρ ἀπὸ τοῦ νῦν μακαριοῦσίν με πᾶσαι αἱ γενεαί,

a: porque olhou para a humildade da escrava sua.

b: veja

c: pois desde agora considerarão afortunada a mim todas as gerações,

Lc 1,49a: ὅτι ἐποίησέν μοι μεγάλα ὁ δυνατός.

b: καὶ ἅγιον τὸ ὄνομα αὐτοῦ,

a: pois fez para mim grande o poderoso.

b: E santo (έ) o nome seu,

Lc 1,50: καὶ τὸ ἔλεος αὐτοῦ εἰς γενεὰς καὶ γενεὰς τοῖς φοβουμένοις αὐτόν.

e a misericórdia sua em gerações e gerações para os temidos seus.

Lc 1,51a: Ἐποίησεν κράτος ἐν βραχίονι αὐτοῦ,

b: διεσκόρπισεν ὑπερηφάνους διανοίᾳ καρδίας αὐτῶν·

a: Fez poder com braço seu,

b: dispersou arrogantes em inteligência dos corações deles:

Lc 1,52a: καθείλεν δυνάστας ἀπὸ θρόνων

b: καὶ ὕψωσεν ταπεινοὺς,

a: fez descer soberanos de tronos

b: e exaltou humildes,



Lc 1,53a: πεινῶντας ἐνέπλησεν ἀγαθῶν

b: καὶ πλουτοῦντας ἐξαπέστειλεν κενούς.

a: famintos saciou de bens

b: e ricos despediu vazios.

Lc 1,54a: ἀντελάβετο Ἰσραὴλ παιδὸς αὐτοῦ,

b: μνησθῆναι ἐλέους,

a: socorreu Israel criança/servo sua/seu,

b: lembrado de misericórdia,

Lc 1,55a: καθὼς ἐλάλησεν πρὸς τοὺς πατέρας ἡμῶν,

b: τῷ Ἀβραάμ καὶ τῷ σπέρματι αὐτοῦ εἰς τὸν αἰῶνα.

a: assim como falou aos pais nossos,

b: a Abraão e à descendência sua para sempre.

### 3.1. ANÁLISE DO TERMO παιδός

O substantivo *παιδός* aparece em todo o Novo Testamento somente na obra lucana (Lc-At), logo corresponde a um *hapax legomena*, ou seja algo característico da expressão literária de Lucas. Sua outra raiz *παῖς*, cujo significado literal é o mesmo, em contraposição aparece também em Mateus (8,6.8.13; 12,18; 17,18) e em João 4,51.

Em quatro versículos além do correspondente no cântico do Magnificat (cf. Lc 1,54), está presente o termo *παιδός*, conforme vê-se:

Lc 1,69: αἰ ἤγειρεν κέρασ σωτηρίας ἡμῖν ἐν οἴκῳ Δαυιδ *παιδός* αὐτοῦ.

Lc 8,51: ἐλθὼν δὲ εἰς τὴν οἰκίαν οὐκ ἀφήκεν εἰσελθεῖν τινα σὺν αὐτῷ εἰ μὴ Πέτρον καὶ Ἰωάννην καὶ Ἰάκωβον καὶ τὸν πατέρα τῆς *παιδός* καὶ τὴν μητέρα.





At 4,25: ὁ τοῦ πατρὸς ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου στόματος Δαυὶδ **παιδός** σου εἰπών·  
ἵνατί ἐφράξαν ἔθνη καὶ λαοὶ ἐμελέτησαν κενά.

At 4,30: ἐν τῷ τὴν χεῖρά σου ἐκτείνειν σε εἰς ἴασιν, καὶ σημεῖα καὶ τέρατα γίνεσθαι  
διὰ τοῦ ὀνόματος τοῦ ἁγίου **παιδός** σου Ἰησοῦ.

Segundo Pereira<sup>33</sup>, o substantivo *παιδός* pode ser traduzido por menino, filho ou escravo jovem. Tanto na Bíblia de Jerusalém<sup>34</sup> como na TEB<sup>35</sup> aparecem nos versículos Lc 1,69; At 4,25.30 a tradução em português por “servo”, por se referir seja a Davi e/ou a Jesus como “servos” de Deus, porém em Lc 8,51 mostra-se *παιδός* como sinalização de criança, também em ambas as traduções citadas, que no caso específico do trecho evangélico, trata-se da filha de Jairo.

Pelo fato de Lucas valer-se no Magnificat do uso de *δούλη* (δούλη, ης, ἡ) para designar a serva/escrava do Senhor, como referência à Maria, pode-se intentar a tradução de *παιδός* como criança, assim: “O Senhor socorre a Israel, sua criança”. Tal conotação ganha uma carga semântica mais afetiva e de revelação de um Deus muito mais próximo e paternal, do que distante e monárquico. E no que se refere à proposição de entrelaçamento entre tal teologia e a eclesiologia, pode-se intentar a partir daqui uma conexão hermenêutica.

Se Deus socorre a Israel - sua criança - a Igreja, enquanto “povo de Deus” que caminha, é convidada a ser tal qual uma “criança”, estando nos braços do Pai, Deus, o qual a conduz no processo de “liberdade-salvação”.

## 4. A ECLESIOGÊNESE DO MAGNIFICAT

A unidade da Igreja deve ser estruturada no regime da comunhão, da fraternidade e da colegialidade<sup>36</sup>.

Após a eleição do papa Francisco em 2013, este em suas alocações tem insistido no acento eclesiológico de uma Igreja mais maternal-acolhedora e fraternal (cf. EG 46-49),  
i. é, mais afetiva, capaz de cuidar e acompanhar os caídos, e ao mesmo tempo



vivenciando relações de unidade na diversidade de seus membros. Se pensarmos no *Magnificat* - na promessa divina de socorro a Israel (cf. Lc 1,54), enquanto sua criança<sup>37</sup> - no apostolado dos discípulos missionários de Cristo deverá resplandecer essa atitude de zelo familiar profundo com os integrantes do povo de Deus (“novo Israel”<sup>38</sup>), principalmente no cuidado aos mais vulneráveis<sup>39</sup>.

A Igreja se entende [...] como *Israel* ou [...] como o começo e o centro de expansão do Israel escatológico. É mais um ponto em que a comunidade pós-pascal dá continuidade àquilo que Jesus tinha começado<sup>40</sup>.

Celebrando a Igreja o cinquentenário da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), torna-se oportuna a retomada reflexiva abordada na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>41</sup> sobre a Igreja, a qual define sua identidade e, por conseguinte, o sentido de seu ser no e para o mundo. Tal documento, promulgado em 21 de novembro de 1964, por Paulo VI, subdivide-se em oito capítulos<sup>42</sup>, dentre os quais destacamos alguns indícios na estrutura formal do texto conciliar de uma hermenêutica peculiar, a qual os padres conciliares intentaram semear na nova consciência assumida.

Parte a *Lumen Gentium* no primeiro capítulo, propositalmente<sup>43</sup>, da abordagem do mistério, i. é, a Santíssima Trindade, na qual é espelhada a Igreja; da relação existente com o projeto do Reino de Deus<sup>44</sup>, cujo arauto principal foi Jesus Cristo; de sua visibilidade e ser espiritual; e das imagens erguidas na Igreja neotestamentária:

IMAGENS DA IGREJA	TRECHO BÍBLICO CORRESPONDENTE
Esposa	Ef 5,25-28; Cl 3,1-4; Ap 19,7; 21,2.9; 22,17
Cristo-cabeça da Igreja	Ef 4,11-16
Igreja-corpo de Cristo	1Cor 10,17; 1Cor 12, 12-13.17; Rm 12,5



Construção de Deus	1Cor 3,9
Sobre a pedra angular (Cristo) foi edificada a Igreja pelos apóstolos	1Cor 3,11
Casa de Deus	1Tm 3,15
Família, morada de Deus pelo Espírito	Ef 2,19-22
Tenda de Deus entre os homens	Ap 21,3
Jerusalém celeste e nossa mãe	Gl 4,26; Ap 12,17

Em seguida, no segundo capítulo, veicula-se à expressão “povo de Deus”, a qual segundo Valentini<sup>45</sup>, entre os colaboradores de sua inclusão no texto conciliar referido está o cardeal Döpfner<sup>46</sup>, de Munique (Alemanha). Essa categoria bíblica inserida permitiu enfatizar uma igualdade essencial<sup>47</sup> entre os fieis componentes do cenário eclesial<sup>48</sup>:

Significava aceitar a dinâmica fundamental da Igreja como um povo de batizados, cristãos e cristãs, fundando uma mesma comunidade de iguais, embora com suas funções e serviços específicos. Na Igreja-comunidade todos são responsáveis por sua vida e seu crescimento<sup>49</sup>.

Somente depois, é que a hierarquia é mencionada (já no capítulo terceiro), sob a ótica do serviço<sup>50</sup>, e não do prestígio<sup>51</sup>: “Toda a comunidade é ministerial, os serviços não podem estar acima ou fora da Igreja, mas dentro dela e em função dela. Igreja de corresponsabilidade e colegialidade”<sup>52</sup>. A hierarquia não se torna, entretanto, a partir dessa hermenêutica um fator desprezível na *Lumen Gentium* (LG), adquirindo o seu devido sentido: do serviço e direcionamento na ação comunitária.

Se a Igreja vem formulando-se, em sua historicidade<sup>53</sup>, tal qual povo de Deus a caminho, o *Magnificat* tornar-se-á uma inspiração em sua espiritualidade ordinária. Cantá-lo na liturgia das vésperas, no cotidiano, conforme realizam muitos fieis, deverá levar a um compromisso radicado no projeto de transformação inerente ao evangelho:



O Magnificat é a expressão de um processo de encantamento, de sedução [...] vivido na esperança e na busca de um povo peregrino na luta por justiça e verdade, tendo Deus como parceiro [companheiro de caminhada]<sup>54</sup>.

## 5. COMUNHÃO DO POVO DE DEUS

A Igreja é, pois o povo de Deus da Nova Aliança. É seu grande título. É motivo de orgulho para os Apóstolos. Bem o sabem eles que não foi por mérito deles, mas unicamente por iniciativa, eleição, solicitude, preferência, graça, misericórdia e amor de Deus<sup>55</sup>.

Para se compreender a Igreja, faz-se mister o conhecimento prévio de suas raízes etimológicas, e posteriores conotações. Diante da visão semítica, é proveniente de *qahal Yahweh*<sup>56</sup>, ou seja, assembleia criada e conduzida por Deus.

Segundo G. Lohfink<sup>57</sup>, *ekklesia*, do grego, denota-se no sentido de reunião do povo, assembleia de cidadãos na *polis*. Somando-se tais expressões, na semântica cristã, dos primeiros séculos pós-evento da ressurreição, entende-se a Igreja esse povo congregado por Deus, reunido tal quais cidadãos do Reino: “a Igreja é vista como um *povo* fundado pelo chamado divino, povo ao qual o indivíduo é incorporado”<sup>58</sup>.

Mas para que haja uma congregação autêntica, há de se pensar no princípio da comunhão, o qual possibilita o elo fraternal sonhado por Jesus aos seus discípulos (cf. Jo 17) e a eficiência evangelizadora consequente. Já entre os renovadores dos estudos eclesiológicos do século XIX, J.A. Möhler<sup>59</sup> e F. Pilgram<sup>60</sup>, a ideia de comunhão estreitava-se ao “corpo de Cristo”<sup>61</sup> (cf. Cl 1,24), ou seja, à comunidade.

Em 1985<sup>62</sup>, após vinte anos<sup>63</sup> de conclusão do Vaticano II, um sínodo extraordinário dos bispos em Roma realizou-se, sendo o foco central a retomada das expressões eclesiológicas fundamentais, *comunhão* eclesial e *mistério*<sup>64</sup>: “O Vaticano II optou [...] pelo [...] mistério da Igreja no ponto mesmo de partida de sua teologia”<sup>65</sup>. Segundo Silva<sup>66</sup>, comunhão encontra-se vinculada à relação comunitária da Trindade, entre as pessoas do Pai, Filho, Espírito Santo.



A Igreja reflete na comunhão com Deus e de seus membros tal Verdade revelada: “A Igreja pertence necessariamente à essência de uma fé, cujo sentido é a confluência de uma profissão comum e de uma comum adoração”<sup>67</sup>.

Hamer ilumina nossa tese ao afirmar o comungar da “interioridade”, ou seja, vida e espiritualidade (as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade), e da “exterioridade”, profissão de fé, disciplinar e sacramental<sup>68</sup>.

O filósofo judeu Buber define, também, “a verdadeira comunidade” nascida “de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidas umas às outras [pessoas] em relação viva e mútua”<sup>69</sup>.

Se pensarmos essas categorias unidas à “Igreja-povo de Deus”, valorizada pelo Vaticano II, percebe-se um caminho coerente com as promessas elencadas no *Magnificat*, na vivência caritativa, de cuidado ao outro, ou seja, comunhão mútua:

Pode-se ver, no próprio comportamento de Jesus [e no decorrer dos evangelhos], seu desejo de uma comunidade que incluísse todas as pessoas e que não evoluísse na direção de um grupo esotérico preocupado apenas com seus próprios membros<sup>70</sup>.

No quadro comparativo a seguir, proporciona-se um paralelo entre a Trindade, a partir de princípios da teologia dogmática, e esse “ser” da Igreja para fora:

TRINDADE	IGREJA
Imanente: relação interna (pericorética) entre o Pai, Filho, Espírito Santo.	Relação comunal <sup>71</sup> (“imanente”) dos membros de fraternidade e misericórdia.
Econômica: dom, o círculo trinitário aberto à humanidade em atitude de amor.	<i>Solidariedade com os humildes</i> (cf. Lc 1,52b), famintos (cf. Lc 1,53a), indefesos <sup>72</sup> (cf. Lc 1,54a), olvidados social e existencialmente.



À medida que comunga do Deus da vida e da vida dos irmãos<sup>73</sup>, a Igreja abre-se também aos sofredores no derramamento de si, inspirada pela Trindade Econômica.

Testemunha-se, assim, um ambiente fraternal veraz de inclusão e participação de todos: “O Deus-família construiu a Igreja como a casa dos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs do Verbo que se fez carne e veio habitar no meio da humanidade”<sup>74</sup>.

Essa comunhão terá sentido também na multiplicação dos ministérios e carismas<sup>75</sup>, conduzidos sob a unidade a fim de que as demandas de pastoreio aos necessitados sejam supridas.

Não se poderá pensar a comunhão radicalizada na uniformidade monolítica dos seguidores de Cristo, pois na riqueza de diferenças<sup>76</sup> – temperamentos, culturas, dons, tradições litúrgicas – se testificará a beleza da “identidade divina” do povo<sup>77</sup>.

Este não dissuadido pelas divisões concordes à ótica da exclusão anticristã propõe uma alternativa de respeito perante o mundo secularizado<sup>78</sup>: “A Igreja [...] tem a tarefa de mostrar como é possível a diversidade na comunhão e como a unidade passa pelo reconhecimento das diferenças”<sup>79</sup>.

## 5.1. O POVO SACRAMENTAL<sup>80</sup> DE DEUS

Foi neste contexto de busca de uma Igreja mais fraterna, mais humana, mais simples, mais comunitária e, ao mesmo tempo, mais evangélica, mais autêntica, mais de acordo com o testemunho positivo das primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos, que surgiu a ideia luminosa, de descrever a Igreja como Povo de Deus<sup>81</sup>.

Em relação ao “povo de Deus”, o Concílio expressa no referido texto da *Lumen Gentium*, a origem desse termo no Pentateuco, no que tange ao povo da Aliança, Israel<sup>82</sup>.

Kloppenburg<sup>83</sup> afirma que a partir de Dt 7,6-8, ocorre a “sistematização teológica no Antigo Testamento” do “povo eleito”, unicamente escolhido por amor.



Ao dispor de tal conceito anteriormente à hierarquia, demonstram os padres conciliares a unidade comum dos integrantes desse corpo de Cristo (cf. 1Cor 12), indicando o verdadeiro sentido da autoridade eclesiástica, a qual constitui-se no serviço e não pelo poder autossuficiente.

A “tentação” hermenêutica possível de emergir-se do divórcio entre carisma (realidade mistérica) e instituição (hierarquia) equivocar-se-ia, pois a comunidade de fé organiza-se (cf. RMI 75) em um único corpo visível (cf. LG 8), que segundo Haight faz dela o “povo de Deus”, enquanto uma “instituição hierárquica estruturada”<sup>84</sup>.

O problema está se a “institucionalidade” sufoca o carisma, devendo, entretanto, estar unida a ele para melhor desempenhar a evangelização, mandato de Jesus a todos os seus discípulos (cf. Mt 28,19-20)<sup>85</sup>: “Por mais frágeis e pequenas que sejam as estruturas visíveis da Igreja, elas são o sacramento de um dom inestimável da Trindade”<sup>86</sup>.

Para se evitar a desintegração entre carisma e instituição (morte do carisma), faz-se mister a recordação de que a Igreja não é fim<sup>87</sup> em si mesma<sup>88</sup>; não obstante, fundada em Cristo e para Ele, exerce o papel de iluminar as realidades do mundo, apontando sempre o caminho salvador de Deus na história da humanidade:

A Igreja não existe por si mesma, mas deve ser o instrumento de Deus [*sacramentum Dei*], para reunir todas as pessoas nele e preparar o momento em que “Deus será tudo em todos” [referência escatológica]<sup>89</sup>.

Sendo a Igreja alicerçada em Cristo, torna-se seu sacramento de salvação, ou seja, signo de indicação da salvação conquistada pelo Verbo de Deus.

Tal afirmação deposita à eclesialidade (*kirchlichkeit*), uma responsabilidade salutar no mundo, onde está inserida, de ser realmente sinal visível de Cristo<sup>90</sup>.

## 6. SACRAMENTO DE SALVAÇÃO



A pergunta: para que Igreja? Só receberá por certo resposta acurada, se se entender a Igreja como sacramento da salvação<sup>91</sup>.

A sacramentalidade da Igreja, ou seja, o seu ser que acena para outra realidade (transcendente)<sup>92</sup>, está intimamente relacionada com a missão de Jesus, conforme apresentado anteriormente.

No Vaticano II, é abordada essa concepção nos seguintes parágrafos dos documentos elaborados: SC 26; LG 1; 48; 59; AG 1; 5; GS 45.

Sendo a Igreja mandatária<sup>93</sup> do anúncio da proposta de Cristo<sup>94</sup>, expressão missionária desenvolvida nos Atos dos Apóstolos, faz-se relevante no/ ao mundo.

Tal significância se expressa pela experiência, vivência e comunicação do mistério divino, não em uma mera abstração de ideias discursivas, mas no semear concreto de atitudes coerentes ao Reino<sup>95</sup>: “A Igreja é, neste mundo, uma realidade social que, com toda sua semelhança intramundana com outras grandezas sociais, tem, contudo, o seu mistério específico”<sup>96</sup>.

À medida que a Igreja testifica as promessas do Senhor, buscando realizar aquilo que também Ele o fez, transparece a veracidade de seu ser: “Para não se deixar contaminar [...], ela [a Igreja] precisa da graça de Deus, da oração, dos sacramentos, dos ensinamentos e das referências éticas provenientes do Evangelho”<sup>97</sup>.

Sacramento de salvação, a Igreja *também pelos sacramentos* em seu seio (cf. LG 7; CAT 774), não exclusivos modos de acesso a Deus, conforme afirma Lutz<sup>98</sup>, torna-se porta aberta divina à humanidade, um caminho de encontro e transformação espiritual vislumbrados.

Esse câmbio existencial consequente transborda-se nas realidades sociais, permitindo-se à geração da solidariedade, da cultura do encontro, tão arguida pelo atual papa Francisco (cf. EG 176-258).

Se a Igreja de Cristo é a Igreja dos pobres, ela se desvela na predileção histórica de Deus pelos excluídos e marginalizados, narrada na esperança cantada nos versos do *Magnificat*.





A contribuição nessa lógica inversa ao egoísmo, que é a fraternidade, faz da comunidade de fé cristã uma *sociedade contrastante*, com o agir distinto às outras estruturas sociais vigentes, muitas vezes corrompidas:

Do modo como a Igreja concebe o modo desejado por Deus para a vida das pessoas em sociedade, ela não se entende como “contrária” ou “adversa” [...], mas [...] um “contraste” ou “protesto” contra uma sociedade que não está à altura daquilo que deve ser aos olhos de Deus<sup>99</sup>.

Esse termo foi desenvolvido pelos irmãos e teólogos alemães, Gerhard e Norbert Lohfink<sup>100</sup>.

Se a Igreja confundir-se com o “joio” (cf. Mt 13,24-43) das injustiças, do pecado consequente da exclusão, qual será seu sentido de existência, o seu diferencial?

Pastoral nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de ‘feridos’ que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor<sup>101</sup>.

O ser uma casa de misericórdia, conceito permeado nas entrelinhas dos textos lucanos, inclusive do *Magnificat*, possibilitará à Igreja atual, no pós-concílio, desvelar um alívio, um porto seguro aos desamparados.

Encarnar a Igreja do Vaticano II, e o respectivo processo evangelizador, só se dará pela leitura vivencial constante de textos (cf. EG 175) tais quais o hino abordado por esta pesquisa, onde retorna insistentemente ao tema do projeto libertador divino de socorro a seu povo (Israel), sua criança.

Se o mais Sublime fez-se tão próximo (cf. Jo 1,14) por que não os seus seguidores?

A Igreja-mãe, a exemplo dos lábios marianos entoando as alegrias de Deus (cf. Lc 1,46) pela misericórdia (cf. Lc 1,50) aos pequenos, só será realidade pela adesão individuada



de cada um, o que Scherer denomina “renovação de mentalidades”, desenvolvendo uma “cultura pastoral”<sup>102</sup>.

O cumprimento das promessas de Deus desde Abraão (cf. Lc 1,55) e sua descendência (o povo, a Igreja, os pobres) deverá ser propagado pelo apostolado<sup>103</sup> constante dos discípulos missionários de Jesus Cristo aos que desconhecem essa realidade (cf. AG 1-2).

Dependentes químicos, migrantes, desempregados, dementes, moradores de rua, sem-terra, soropositivos, doentes e idosos abandonados são alguns rostos que clamam para que a comunidade lhes apresente, concretamente, atitudes [...] <sup>104</sup>.

A “Igreja do *Magnificat*” poderá ser um caminho privilegiado na Nova Evangelização, demonstrando o amor único, incomensurável, sentido e esperado em Deus àqueles que não têm ninguém por eles, os destinatários primazes do Reino.

## CONCLUSÃO

Em um mundo fragmentado tal qual o atual, faz-se relevante no âmbito do saber o exercício da síntese intelectual, enquanto saberes conjugados na busca de respostas práticas. Nesta pesquisa, realizada no período de um ano (2013-2014), buscou-se aprofundar temas inter-relacionados dentro da perspectiva teológica.

Eleita a perícopa lucana do hino do *Magnificat* (Lc 1,46-55), efetivaram-se passos exegético-hermenêuticos, procurando suas raízes no Antigo Testamento, de modo particular na tradição exodal, observando no cântico da passagem do mar (Ex 15,1-18.21), elementos semelhantes de esperança e anseio por liberdade.

Ao aproximar os resultados encontrados com a leitura eclesiológica do Concílio Vaticano II, se pensou em uma vivência eclesial à luz da Escritura, na práxis missionária fundamentada no testemunho de uma comunidade acolhedora, familiar, capaz de cuidar das feridas, conforme tem convidado para tal reflexão o papa Francisco.



Não se pretendeu esgotar os conhecimentos, todavia no decorrer da investigação, ratificar a convicção da unidade sintética da teologia, apesar de sua multiplicidade de áreas e linhas de pensamento, mostrando a necessidade do labor bíblico-exegético e dogmático “andarem” juntos, sempre em vista do aprimoramento pastoral.

Uma teologia viva faz-se “carne”, ilumina as realidades eclesiais, permitindo aos sujeitos construir um cotidiano mais coerente com seus ditames conscientes na profissão de fé. Da ortodoxia para a ortopraxis e da ortopraxis para a ortodoxia, eis o desafio proposto por nosso estudo a todos os que formamos o “corpo robusto de Cristo”.

## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS E PERIÓDICOS

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Traduzido por Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave-Maria, 2000. (Introdução ao Estudo da Bíblia). V. 6.

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. Sonhos de uma noite de verão. *Mensageiro de Santo Antônio*. Ano 55, n. 7, p. 12-15, abril de 2013.

ANTON, Angel. *El misterio de la Iglesia*. Evolución histórica de las ideas eclesiológicas. En busca de una eclesiología y de la reforma de la Iglesia. Madrid: BAC, 1986. V. I.



BEINERT, Wolfgang; FRIES, Heinrich; SEMMELROTH, Otto. *A Igreja. Igreja, povo de Deus e sacramento radical*. Traduzido por: Edmundo Binder. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. Vol. IV/2. (Mysterium Salutis/ Compêndio de dogmática histórico-salvífica).

*Bíblia de Jerusalém*. 2ª impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

*Bíblia do Peregrino: Comentários de Luis Alonso Schoekel*. 3ª Edição. São Paulo: Paulus, 2011.

*Bíblia Tradução Ecumênica (TEB)*. São Paulo: Loyola, 1994.

BROWN, Raymond E.; DONFRIED, Karl P.; FITZMYER, Joseph A.; REUMANN, John. *María en el Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2002.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

*CATECISMO da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CENTRO BÍBLICO VERBO. *A caminhada no Deserto: Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulus, 2011.

CIPOLINI, Pedro Carlos. *A identidade da Igreja na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1987.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja*. 17ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Texto conclusivo da 52ª assembleia geral dos bispos do Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).

COSTA (org.), Lourenço. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja).

COTTIER, Georges. A percepção da Igreja como “luz refletida” que une os Padres do primeiro milênio e o concílio Vaticano II. *30 dias*. ANO XXIX, n. 718, p. 36-40, 2011.



ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. Traduzido por: José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2005. (Ecclesia XXI).

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *A Igreja*. As propriedades da Igreja. Traduzido por: Luiz João Gaio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. Vol. IV/3. (Mysterium Salutis/ Compêndio de dogmática histórico-salvífica).

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Comentário Bíblico).

FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. A noção eclesiológica de comunhão na obra de Jean Jérôme Hamer, OP. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 72. Fasc. 288, p. 887-901, outubro de 2012.

FRANCISCO. *Evangelii gaudium*. A alegria do evangelho. Exortação apostólica. 2ª impressão. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa do encerramento da XXVIII Jornada Mundial da Juventude*. In: “*Ide e Fazei discípulos entre todas as nações*”. Caderno de espiritualidade da Revista Passos do movimento Comunhão e Libertação, 2013.

FUELLENBACH, John. *Igreja: comunidade para o Reino*. Traduzido por: Luís Henrique Dreher. São Paulo: Paulinas, 2006. (Ecclesia 21).

GEORGE, Augustín. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1982.

GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*. 2ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2007.

HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história*. Eclesiologia histórica. Traduzido por: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2012. V. 1. (Ecclesia 21).

\_\_\_\_\_ *A comunidade cristã na história*. Eclesiologia comparada. Traduzido por: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2012. V. 2. (Ecclesia 21).

HESEMANN, Michael; RATZINGER, Georg. *Meu irmão, o papa*. Alfragide, Portugal: Dom Quixote, 2012.



JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. Exortação Apostólica sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1989.

\_\_\_\_\_. *Redemptoris Missio*. Carta encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

KARRIS, Robert. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 217-308.

KLOPPENBURG, Boaventura. *A Ecclesologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

L'ÉPLATTENIER, Charles. *Leitura do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1993.

LADARIA, Luis F.. *Introdução à Antropologia Teológica*. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LEXICON. Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. (Theologika).

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. 3ª Edição. São Paulo. Loyola, 1997. (Fé e Realidade, n. 31).

LOHFINK, Gerhard. *Deus precisa da Igreja?* Teologia do povo de Deus. Traduzido por Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2008.

LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: Texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Revisitar o Concílio).

LUTZ, Gregório. *Liturgia ontem e hoje*. São Paulo: Paulus, 1995.

MACKENZIE, John L.. *Dicionário Bíblico*. 2ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARGUERAT, Daniel. *O evangelho segundo Lucas*. In: \_\_\_\_\_. *Novo Testamento*. História, escritura e teologia. Traduzido por Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009. p. 107-135.



MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Ecclesia XXI).

MÖHLER, J.A.. *Die Einheit in der Kirche oder das Prinzip des Katholizismus dargestellt im Geiste der Kirchenväter der drei ersten Jahrhunderte*. Tübingen, 1825.

MUÑOZ IGLESIAS, Salvador. *Los Evangelios de la infancia*. Los Cánticos del Evangelio de la infancia según San Lucas. Madrid: BAC, 1990, p. 14.

NEF ULLOA, Boris Agustín. *A apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-39)*. O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Exegese).

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27ª Edição. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1993.

*Novum Testamentum Graece et Latine*. Aparato crítico por: Augustinus Merk, SJ. 7ª Edição. Roma: Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, 1951.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 20ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8ª Edição. Braga, Portugal: Apostolado da Imprensa, 1998.

PIKAZA, Javier. *A Teologia de Lucas*. 2ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1985.

PILGRAM, F.. *Physiologie der Kirche*. Forschungen über die geistigen Gesetze, in denen die Kirche nach ihrer natürlichen Seite besteht. Mainz, 1860.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e as suas sagradas escrituras na Bíblia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002.

QUERÉ, France. *As mulheres do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1984.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Herder, 1970.



RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985.

SCHERER, Odilo Pedro. *Paróquia, torna-te o que tu és*. Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo. São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2011.

SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que liberta*. Fé, Revelação e Magistério Dogmático. Traduzido por Magda F. de Queiroz. Revisado por Afonso Maria Ligorio Soares. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Pensamento Teológico).

SICRE, José Luis (org.). *Os Profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia da Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Bíblia e História).

SILVA, Maria Freire da. Maria, mulher ícone do mistério trinitário. *Cultura Teológica*. Ano IV, n. 17, p. 41-56, out/dez de 1996.

\_\_\_\_\_. Uma eclesiologia de comunhão. *Cultura Teológica*. Ano XIX, n. 76, p. 119-137, out/dez de 2011.

TERRA (org.), João Evangelista Martins. Aspectos Bíblicos da Unidade e diversidade na Igreja. *Revista de Cultura Bíblica*. Ano 33, n. 55/56, Vol. XIV, p. 3-43, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. Lucas Evangelho do Espírito. *Revista de Cultura Bíblica*. Ano 39, n. 83/84, Vol. XXI, São Paulo, 1998. 158p.

VALENTINI, A. *Il Magnificat*: Genere letterario. Struttura. Esegisi. Bologna: EDB, 1987.

VALENTINI, Demétrio. A Eclesiologia do Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 71. Fasc. 287, p. 678-688, julho de 2012.

ZWICKEL, Wolfgang. *Atlas Bíblico*. Tradução de Renatus Porath. São Paulo: Paulinas, 2010.

## MATERIAL DA INTERNET:





Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/francisco-igreja-e-uma-historia-de-amor-nao-uma-on>>. Acesso em: 24 de abril de 2014.

OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. *Sínodo de los obispos*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/press/documentazione/documents/sinodo\\_indice\\_sp.html](http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo_indice_sp.html)>. Acesso em: 23 de abril de 2014.

RÁDIO VATICANA. *O Papa na abertura do Congresso Diocesano de Roma: sonho uma Igreja mãe que sabe abraçar e acolher os seus filhos*. Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/o-papa-na-abertura-do-congresso-diocesano-de-roma>>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

SANTA SÉ. *Documentos do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso em 21 de março de 2014.

VILLAR, José R.. *El sínodo de 1985. El concilio 20 anos después*. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/9917/1/23564010.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2014.

---

\* Bacharel em Teologia pela PUCSP, bolsista CNPq. Realizou durante o período de agosto de 2013 a julho de 2014, pesquisa na área de Teologia Fundamental, sob o título: “O mistério cristão à luz das Escrituras hebraicas: uma leitura eclesiológica a partir da inter-relação de Ex 15,1-18.21 e Lc 1,46-55 – atrelada à temática central (Sagrada Escritura) de investigação teológica de seu orientador: Pe. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa.

<sup>1</sup> Tradução *semântica* nossa de: “*il primo, suggestivo e teologicamente importante, è l’invito di qualche autore e leggere il cantico de maria sullo sfondo della grande liberazione dell’esodo e in particolare del celebre canto del mare*” (VALENTINI, A. *Il Magnificat*, 1987, p. 13).

<sup>2</sup> “O êxodo, experiência fundante da fé de Israel torna-se o modelo das experiências de salvação posteriores” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e as suas sagradas escrituras na Bíblia Cristã*, 2002, n. 21, p. 58).

<sup>3</sup> GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*, 2007, p. 13.

<sup>4</sup> Sobre este tema ver: SILVA, Cássio Murilo Dias da. A tradição dos cantos. In: \_\_\_\_\_. *Metodologia de exegese bíblica*, 2000, p. 201-206.

<sup>5</sup> VALENTINI, A. *Op. cit.*, p. 13-14.

<sup>6</sup> Em tom de júbilo, por Moisés, os israelitas e Miriam (irmã de Moisés), cantam ao Senhor pelas maravilhas realizadas em prol de seu povo eleito.

<sup>7</sup> “A glória de Deus se compraz na humildade. Escolhe a modesta Galileia e, nela, um vilarejo: Nazaré. Visita uma mulher e fala diretamente à baixeza de sua serva” (QUERÉ, F. *As mulheres do Evangelho*, 1984, p. 171).

<sup>8</sup> “A atitude um tanto arrogante dos judeus de Jerusalém e da Judeia em relação à Galileia está reproduzida em Jo 1,46; 7,52” (MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, 1984, p. 371).

<sup>9</sup> RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*, 1985, p. 28.

<sup>10</sup> “Depois da destruição do reino de Israel, o nome *Yehudi* permaneceu comum a todo o povo, especialmente depois do retorno do exílio babilônico em 538 a.C.” (LEXICON, 2003, p. 416).



<sup>11</sup> Sobre esse tema ver: CENTRO BÍBLICO VERBO. *A caminhada no Deserto: Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*, 2011, p. 45.

<sup>12</sup> Alguns dos versículos relacionados à lembrança do povo hebreu em seus tempos no Egito: Ex 22,20; Dt 4,34; 15,15; 16,12; Dt 23,8; 24,17; 24,22; 26,7-8.

<sup>13</sup> Tradução retirada da *Bíblia do Peregrino*, 2011, p. 305.

<sup>14</sup> L'ÉPLATTENIER, Charles. *Leitura do Evangelho de Lucas*, 1993, p. 268, grifo do autor.

<sup>15</sup> “Sua *língua*, muito variada, é bem mais grega, pelo menos nas narrativas, sendo, entretanto, acentuadamente mais semítica nas palavras de Jesus. Parece, por outro lado, que, em seu evangelho da infância, ‘Lucas’ usou sistematicamente a língua da Bíblia grega (‘a Setenta’). Esses diferentes traços mostram a cultura e a arte de Lucas, que varia seu estilo conforme os assuntos” (GEORGE, Augustin. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*, 1982, p. 8, grifo do autor).

<sup>16</sup> Segundo Gryglewicz, o *Magnificat* corresponde a um procedimento metodológico de composição dado na recitação, primeiro em aramaico (um salmo judeu-cristão), redigido depois em hebraico, e retomado por Lucas em sua redação grega. Não obstante outro exegeta, R. Brown, apesar de não aceitar um texto prévio em hebraico concordará em afirmar a origem do *Magnificat* vinculada à alguma comunidade jadaico-cristã de língua grega (MUÑOZ IGLESIAS, Salvador. *Los Evangelios de la infancia. Los Cánticos del Evangelio de la infancia según San Lucas*, 1990, p. 110-111).

<sup>17</sup> “Aramaísmos” e “hebraísmos” denotam-se em expressões linguísticas usuais nessas línguas, que na tradução grega versada no evangelho de Lucas, foram incorporadas. Como, por exemplo, o “*waw*” correspondente ao “*e*”, partícula conjuntiva comum nos textos hebraicos, que no grego lucano do *Magnificat* (*Kai*) se repete várias vezes, indicando a possibilidade do conhecimento do autor de Lc 1,46-55 do hebraico e/ou aramaico.

<sup>18</sup> GEORGE, Augustin. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*, 1982, p. 16.

<sup>19</sup> “Com palavras do Antigo Testamento e num contexto puramente israelita, apresenta-nos Lucas a certeza de que estamos já diante do mundo decisivo. Esse Jesus que nasce é a verdade, a salvação mais profunda; mas, ao mesmo tempo, esse Jesus não é mais do que o cumprimento dos anseios do Antigo Testamento, de Abraão e nossos pais, no princípio (Lc 1,55)” (PIKAZA, Javier. *A Teologia de Lucas*, 1985, p. 27).

<sup>20</sup> NEF ULLOA, Boris Agustín. *A apresentação de Jesus no templo*, 2012, p. 28.

<sup>21</sup> “Por trás do termo ‘misericórdia’ esconde-se o termo hebraico ‘*hesed*’, cujo amplo significado poderia traduzir-se por ‘bondade, benevolência, amizade, amor, favor, graça, misericórdia, piedade’; e, em alguns casos, também por ‘lealdade, fidelidade’” (MAYORAL, Juan Antonio. O profetismo e o culto. In: SICRE, José Luis (org.). *Os Profetas*, 1998, p. 56).

<sup>22</sup> PAGOLA, J.A.. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*, 2012, p. 18.

<sup>23</sup> MARGUERAT, Daniel. O evangelho segundo Lucas. In: \_\_\_\_\_. *Novo Testamento. História, escritura e teologia*. Traduzido por Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009. p. 107-135.

<sup>24</sup> GEORGE, Augustin. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*, Paulinas, 1982, p. 16.

<sup>25</sup> KARRIS, Robert. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, Raymond et alli. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos, 2011, p. 228-229.

<sup>26</sup> BROWN, Raymond et alli. *María en el Nuevo Testamento*, 2002, p. 140.

<sup>27</sup> Op. cit.

<sup>28</sup> MUÑOZ IGLESIAS, Salvador. *Los Evangelios de la infancia. Los Cánticos del Evangelio de la infancia según San Lucas*, 1990, p. 14.

<sup>29</sup> Crê-se também que o *Magnificat* denota-se em uma antologia do AT, i. é, coleção de elementos vocabulares e semânticos, os quais são perpassados nas Escrituras antigas. Sobre isso ver: NEF ULLOA, Boris Agustín. Op. cit., p. 33.

<sup>30</sup> Podem ser inseridos aqui: “os miseráveis, mendigos, humilhados, famintos, aleijados, coxos, mancos, viúvas necessitadas (Lc 1,48.52.53; 6,21; 14,13.21; 16,20.22; 18,22; 19,8; 21,3)” – AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, 2000, p. 319.

<sup>31</sup> Essa teologia da eleição pode ser radicada na tese de que o *Magnificat* representa os *anawim*, os “pobres”, dependentes totalmente da ação divina. Sobre tal tema ver: BROWN, Raymond et alli. *María en el Nuevo Testamento*, 2002, p. 142.



<sup>32</sup> Obra referencial utilizada para a exegese bíblica neste trabalho: NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27ª Edição. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1993.

<sup>33</sup> PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8ª Edição. Braga, Portugal: Apostolado da Imprensa, 1998, p. 422.

<sup>34</sup> *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 2ª impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>35</sup> *Bíblia Tradução Ecumênica (TEB)*. São Paulo: Loyola, 1994.

<sup>36</sup> KLOPPENBURG, Boaventura. *A Eclesiologia do Vaticano II*, 1971, p. 10.

<sup>37</sup> Referência ao vocábulo grego de Lc 1,54: *παιδός*.

<sup>38</sup> Não se pretende desprezar a eleição de Israel como povo de Deus, todavia integrar os cristãos neste projeto soteriológico de amor (cf. Rm 11,17).

<sup>39</sup> “Como Cristo foi enviado para evangelizar os pobres, também a Igreja deve ir a todos os afligidos pela fraqueza humana” (KLOPPENBURG, Boaventura. Op. cit., p. 37-38).

<sup>40</sup> LOHFINK, Gerhard. *Deus precisa da Igreja?* Teologia do povo de Deus, 2008, p. 380, grifo do autor.

<sup>41</sup> Nesta pesquisa, utilizamos a seguinte edição brasileira: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. 17ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>42</sup> São assim subdivididos os capítulos da *Lumen Gentium*, respectivamente: o mistério da Igreja; o povo de Deus; a constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado; os leigos; a vocação de todos à santidade; os religiosos; a índole escatológica da Igreja peregrina e a sua união com a Igreja celeste; a bem-aventurada Virgem Maria, mãe de Jesus, no mistério de Cristo e da Igreja.

<sup>43</sup> Sobre essa intencionalidade sequencial de capítulos da *Lumen Gentium*, ver: LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II. *Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Theologika).

<sup>44</sup> “A Igreja existe para o Reino, porque sua missão é totalmente articulada para testemunhá-lo e proclamá-lo” (FUELLENBACH, John. *Igreja: comunidade para o Reino*, 2006, p. 9).

<sup>45</sup> VALENTINI, Demétrio. A Eclesiologia do Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* 287(2012), p. 683-684.

<sup>46</sup> Julius August, cardeal Döpfner (1913-1976) foi um dos integrantes do Vaticano II, arcebispo de München und Freising (Munique), teve como secretário particular Joseph Ratzinger, também seu sucessor no arcebispado, além de futuro papa Bento XVI. Sobre tal tema, ver: HESEMANN, Michael; RATZINGER, Georg. *Meu irmão, o papa*. Alfragide, Portugal: Dom Quixote, 2012.

<sup>47</sup> “O clero, os leigos e os religiosos pertencem à mesma comunidade de fé, esperança e amor. São fundamentalmente iguais [...]. O Povo de Deus como um todo é responsável pela vida e pelo crescimento da Igreja” (LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium*: Texto e comentário, 2011, p. 13).

<sup>48</sup> VALENTINI, Demétrio. A Eclesiologia do Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* 287(2012), p. 685.

<sup>49</sup> LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium*: Texto e comentário, 2011, p. 12.

<sup>50</sup> VALENTINI, Demétrio. A Eclesiologia do Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* 287(2012), p. 684.

<sup>51</sup> Ênfase na dimensão mística da Igreja, e não tanto na eclesiologia da sociedade desigual ou perfeita concorde ao Vaticano I. Centralidade na figura do bispo como pastor, reunindo na comunhão o povo, o regendo, ensinando e santificando (cf. LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium*: Texto e comentário, 2011, p. 17).

<sup>52</sup> CIPOLINI, Pedro Carlos. *A identidade da Igreja na América Latina*, 1987, p. 116.

<sup>53</sup> “Para poder cumprir sua missão e estender-se a todas as regiões da terra, a Igreja ‘entra na história dos homens e simultaneamente transcende os tempos e os limites dos povos’ [...]. A Igreja é ao mesmo tempo imanente e transcendente” (KLOPPENBURG, Boaventura. Op. cit., p. 92).

<sup>54</sup> SILVA, Maria Freire da. Maria, mulher ícone do mistério trinitário. In: *Cultura Teológica* 17(1996), p. 49.

<sup>55</sup> KLOPPENBURG, Boaventura. Op. cit., p. 43.

<sup>56</sup> Cf. CNBB Doc. 100, n. 63.

<sup>57</sup> LOHFINK, Gerhard. *Deus precisa da Igreja?* Teologia do povo de Deus, 2008, p. 377.

<sup>58</sup> FUELLENBACH, John. *Igreja: comunidade para o Reino*, 2006, p. 73, grifo do autor.



<sup>59</sup> MÖHLER, J.A.. *Die Einheit in der Kirche oder das Prinzip des Katholizismus dargestellt im Geiste der Kirchenväter der drei ersten Jahrhunderte*. Tübingen, 1825.

<sup>60</sup> PILGRAM, F.. *Physiologie der Kirche*. Forschungen über die geistigen Gesetze, in denen die Kirche nach ihrer natürlichen Seite besteht. Mainz, 1860.

<sup>61</sup> Mesmo antes do Vaticano II, Pio XII redigiu uma encíclica revalorizando a concepção eclesiológica de “Corpo de Cristo” (*Mystici corporis Christi*), todavia foi redigida sob a mentalidade mais institucionalizada da Igreja, ou seja, compreendendo mais a sua visibilidade jurídica do que mistérico-salvífica. Sobre tal tema, ver: LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II. *Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Theologika).

<sup>62</sup> OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. *Sínodo de los obispos*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/press/documentazione/documents/sinodo\\_indice\\_sp.html](http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo_indice_sp.html)>. Acesso em: 23 de abril de 2014.

<sup>63</sup> Sobre tal tema, ver: VILLAR, José R.. *El sínodo de 1985*. El concilio 20 años después. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/9917/1/23564010.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2014.

<sup>64</sup> Cf. ANTON, Angel. *El misterio de la Iglesia*. Evolución histórica de las ideas eclesiológicas. En busca de una eclesiología y de la reforma de la Iglesia, 1986, p. 3.

<sup>65</sup> Tradução nossa de: “*El Vaticano II opto [...] por [...] el misterio de la Iglesia en el punto mismo de partida de su teología*” (Ibidem, p. 5).

<sup>66</sup> SILVA, Maria Freire da. Uma eclesiologia de comunhão. In: *Cultura Teológica* 76(2011), p. 120.

<sup>67</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico, 1970, p. 71.

<sup>68</sup> FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. A noção eclesiológica de comunhão na obra de Jean Jérôme Hamer, OP. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* 288(2012), p. 894.

<sup>69</sup> BUBER, Martin. *Eu e Tu*, 1977, p. LX.

<sup>70</sup> FUELLENBACH, John. Op. cit., p. 303.

<sup>71</sup> LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium*: Texto e comentário, 2011, p. 17.

<sup>72</sup> Sendo utilizado o vocábulo grego παιδός, seja na significação de criança ou servo, de qualquer modo, trata-se de um indefeso, vulnerável, relacionado a Israel, socorrido e protegido por Deus.

<sup>73</sup> Cf. ANTON, Angel. Op. cit., p. 5.

<sup>74</sup> LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium*: Texto e comentário, 2011, p. 173.

<sup>75</sup> “Os ministérios e os carismas são todos necessários para o crescimento da Igreja, cada um segundo a própria modalidade” (ChL 27).

<sup>76</sup> Cf. SILVA, Maria Freire da. Uma eclesiologia de comunhão. In: *Cultura Teológica* 76(2011), p. 123.

<sup>77</sup> “Toda a Igreja [...] é chamada a evangelizar; nela, existem, porém, diferentes tarefas evangelizadoras que hão de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade da mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização” (EN 66).

<sup>78</sup> “Concebe-se a Igreja como uma comunidade que se baseia num conjunto diferente de valores, os quais ela deve viver e defender diante de uma sociedade que não compartilha desses valores primordiais” (FUELLENBACH, John. Op. Cit., p. 298).

<sup>79</sup> ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*, 2005, p. 535.

<sup>80</sup> “A sacramentalidade da Igreja significa que a Igreja, como objeto e parte do conteúdo, se situa no âmbito da fé” (BEINERT, Wolfgang; FRIES, Heinrich; SEMMELROTH, Otto. *A Igreja*. Igreja, povo de Deus e sacramento radical, 1975, p. 82).

<sup>81</sup> VALENTINI, Demétrio. A Eclesiologia do Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* 287(2012), p. 683.

<sup>82</sup> Cf. LG 9.

<sup>83</sup> KLOPPENBURG, Boaventura. Op. cit., 1971, p. 42.

<sup>84</sup> HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história*. Eclesiologia comparada, 2012, p. 442.

<sup>85</sup> “Jesus não disse: ‘Vai’, mas ‘Ide’, somos enviados em grupo [comunidade]” – FRANCISCO. Homília da Santa Missa do encerramento da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. In: “*Ide e Fazei discípulos entre todas as nações*”. Caderno de espiritualidade da Revista Passos do movimento Comunhão e Libertação, 2013, p. 34.

<sup>86</sup> LOPES, Geraldo. Op. cit., p. 173.



<sup>87</sup> “O último concílio reconhece que o ponto de origem da Igreja não é a própria Igreja, mas a presença viva de Cristo, que edifica pessoalmente a Igreja” (COTTIER, Georges. A percepção da Igreja como “luz refletida” que une os Padres do primeiro milênio e o concílio Vaticano II. *30 dias* 29/718 (2011), p. 36).

<sup>88</sup> Sendo fim em si mesma a Igreja degenerar-se-ia em uma ONG como tem denunciado o papa Francisco. Sobre isso, ver: Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/francisco-igreja-e-uma-historia-de-amor-nao-uma-on>>. Acesso em: 24 de abril de 2014.

<sup>89</sup> LOPES, Geraldo. Op. cit., p. 30.

<sup>90</sup> “A Igreja é o sacramento de Cristo, isto é, seu sinal e instrumento para continuar Sua missão neste mundo até a consumação do Reino de Deus. Por isso a Missão da Igreja deve ser procurada na própria missão de Cristo” (KLOPPENBURG, Boaventura. Op. cit., p. 84).

<sup>91</sup> BEINERT, Wolfgang et al. Op. cit., p. 61.

<sup>92</sup> “O termo ‘sacramentum’ exprime mais o sinal visível da realidade escondida da salvação” – CAT 774.

<sup>93</sup> “A graça e o favor de Deus são vividos e experimentados sobretudo na Igreja” (LADARIA, Luis F.. *Introdução à Antropologia Teológica*, 2007, p. 14).

<sup>94</sup> “O serviço da Igreja a bem do mundo não acontece em nome próprio e por própria conta, mas é cumprimento da missão divina, atualização do sentido que lhe foi inserido em sua instituição” (BEINERT, Wolfgang et al. Op. cit., p. 78).

<sup>95</sup> “A Igreja não é a capelã nem a sacerdotisa dos poderes que mandam no mundo: ela é chamada a ser um microcosmo da sociedade mais ampla, não só enquanto ideia, mas também em sua função” (YODER, J. H. apud FUELLENBACH, John. Op. Cit., p. 310).

<sup>96</sup> BEINERT, Wolfgang et al. Op. cit., p. 84.

<sup>97</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*, 2013, p. 120.

<sup>98</sup> LUTZ, Gregório. *Liturgia ontem e hoje*, 1995, p. 24.

<sup>99</sup> FUELLENBACH, John. Op. Cit., p. 302.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 258.

<sup>101</sup> STEINER, Leonardo Ulrich. Apresentação. In: CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Texto conclusivo da 52ª assembleia geral dos bispos do Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).

<sup>102</sup> SCHERER, Odilo Pedro. *Paróquia, torna-te o que tu és*. Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo, 2011, p. 25.

<sup>103</sup> “A missão comporta a pregação e o esforço, a dor e a perseguição, a oração, o serviço e a perseverança confiante” (FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *A Igreja. As propriedades da Igreja*, 1975, p. 145).

<sup>104</sup> CNBB Doc. 100, n. 283.